



MULHERES IDOSAS APRENDEM E ENSINAM PRODUZINDO COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCOMUNICAÇÃO EM PROCESSOS DE HUMANIZAÇÃO

Marta Kawamura Gonçalves¹
Aida Victoria Garcia Montrone²

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo de natureza qualitativa sobre os processos educativos vivenciados por mulheres idosas na prática da produção de vídeos. O estudo foi realizado junto às cinco participantes de uma oficina de vídeo no Centro de Referência do Idoso (CRI) Vera Lucia Pilla, em São Carlos. Entre abril e julho de 2012 a pesquisadora encontrou-se semanalmente com este grupo e durante as atividades da oficina coletou dados por meio de observação participante com registros em diário de campo e filmagens das atividades. O objetivo do estudo foi descrever e interpretar os significados que as participantes atribuem à prática social da produção de vídeos. Cabe ressaltar que a condução da oficina inspirou-se na educomunicação, conjunto de práticas por essência dialógicas, que promovem processos educativos por meio da produção coletiva de comunicação, na qual o processo vivenciado pelos indivíduos em interação importa mais do que o produto final. Ainda assim, observamos que reconhecer-se na obra criada também foi um fator de aumento de auto-estima para as participantes. Com diversas formas de vivenciar suas velhices, as mulheres apresentam diversas motivações para participar do grupo, sendo a mais evidente, a oportunidade de convívio, além da diversão e do contentamento proporcionado pelos aprendizados novos, o que vem reafirmar que esta é uma fase da vida em que também se aprende e ensina.

Palavras-chave: Processos Educativos, Educomunicação, Mulheres idosas.

Introdução

Este estudo sobre processos educativos junto a mulheres idosas parte da compreensão de que em todas as fases da vida e em todas as situações, não só no ambiente escolar, as pessoas estão se educando umas às outras em comunicação, humanizando-se e vivenciando processos educativos nas diversas práticas de seu cotidiano. Segundo Oliveira et al. (2009), as práticas sociais decorrem da interação entre indivíduos e dos mesmos com o ambiente em que vivem e nos encaminham para a criação de nossas identidades

¹ Produtora Audiovisual graduada em Comunicação – Imagem e Som pela UFSCar e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Email: martakawamura@gmail.com

² Doutora em Educação, Professora Associada do Departamento de Metodologia de Ensino e docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Email: montrone@ufscar.br

individuais e coletivas. Entendemos que *humanização* refere-se à experiência da vida humana em sua plenitude, vocação ontológica dos seres humanos. A incompletude humana impulsiona para a transcendência da realidade dada, para o ser mais (FIORI, 1991). Em propostas educativas dialógicas como encontramos na educomunicação, lembramos mais uma vez a afirmação freiriana de que homens e mulheres educam-se entre si mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2005), em um processo dinâmico de construção social e cultural em que se fazem sujeitos históricos, pois conhecem, sonham, ressignificam e transformam o mundo em que vivem.

Situamos nossa reflexão no contexto latino-americano atual, em que canais comerciais de televisão, controlados por pequenos grupos, valem-se do forte poder de persuasão da linguagem audiovisual para influenciar visões de mundo de pessoas de todas as idades e classes sociais. Desta forma, servem ao sistema socioeconômico vigente, cuja manutenção depende do acúmulo de capital e do constante movimento de consumo e descarte de bens materiais. Os meios de comunicação, mantidos pela venda de espaço para publicidade destes bens, ocupam papel central no estímulo ao consumo e prescrevem valores que favorecem à lógica deste sistema. Por meio deles se aprende a valorizar a competitividade acima da solidariedade, a beleza física acima de outras qualidades humanas, a velocidade acima da cadência e a jovialidade acima da experiência. Além disso, a obsolescência programada dos produtos instala uma lógica em que o descarte sempre compensa mais do que a manutenção, portanto vamos nos acostumando com a ideia de que as coisas não existem para durar nem acumular histórias. Os padrões de beleza ditados nestes meios valorizam a mulher por seu corpo como objeto de uso, dentro de determinadas proporções físicas e de forma sensualizada, desvalorizando, por oposição, as mulheres que não se enquadram neste padrão estético, dentre as quais estão as idosas.

Entendemos, por outro lado, que a comunicação é um direito universal cujo exercício deve ser buscado nas mais diversas esferas sociais e que fora da mídia comercial, a comunicação audiovisual pode ser utilizada em favor da dignidade humana, promovendo processos de conscientização, diálogo, informação e participação democrática. Isto vem ocorrendo em ambientes como oficinas culturais, cineclubes, canais públicos e educativos de televisão, canais comunitários, festivais e mostras. Além destes, a internet com sua natureza democrática, permite que grupos e indivíduos publiquem suas ideias e criações, articulem ações e colaborações. Outros fatores relevantes vêm permitindo que coletivos populares produzam e veiculem seus próprios conteúdos audiovisuais, são eles a

popularização do acesso a equipamentos de imagem e som e internet, e a intensificação de iniciativas sociais e políticas culturais específicas (TOLEDO, 2010).

De modo geral, os meios de comunicação reservam poucos espaços de expressão e participação à população idosa, que teoricamente está fora da máquina produtiva do sistema capitalista. Esta população, que vem crescendo numericamente nas últimas décadas no Brasil e no mundo, dispõe igualmente de poucos espaços para expressar-se e participar da vida social de sua comunidade. No entanto, a permanência de programas voltados à terceira idade indica que pessoas idosas apresentam interesse em participar de espaços sociais, dialogar sobre suas questões e aprender coisas novas.

Assim, torna-se relevante entender os processos educativos vivenciados por mulheres idosas na prática da produção de vídeos, prática esta realizada na perspectiva da educomunicação, compreendida como um conjunto de práticas educativas que visam à conscientização e formação de sujeitos autônomos através da produção coletiva de comunicação, bem como ao exercício do direito à comunicação (LOPES LIMA, 2009).

Neste sentido, o estudo teve como objetivo descrever e interpretar os significados que mulheres idosas que frequentam o Centro de Referência do Idoso (CRI) de São Carlos-SP atribuem à prática social da produção de vídeos.

Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo com inspiração na metodologia da pesquisa-ação, na qual a pesquisa é desenvolvida simultaneamente a uma intervenção. Participam do estudo cinco mulheres idosas que semanalmente se encontram em uma oficina de vídeo oferecida no Centro de Referência do Idoso (CRI) Vera Lucia Pilla, em São Carlos (SP). O Centro de Referência é um equipamento público municipal que atende a pessoas idosas de baixa renda em atividades físicas e culturais, e promove acompanhamento gerontológico, em parceria junto ao curso de Gerontologia da UFSCar.

As mulheres que participaram da pesquisa primeiramente aceitaram o convite feito a todas as frequentadoras do CRI para participar da oficina de vídeo. Esta divulgação foi feita por meio de comunicação pessoal da pesquisadora e dos professores do CRI durante as outras aulas oferecidas no local. Posteriormente, iniciada a oficina, as participantes foram convidadas a participar também da pesquisa e todas aceitaram.

A oficina de vídeo foi coordenada pela pesquisadora e apresentou-se como um

espaço no qual as participantes poderiam aprender, na prática, o processo de produção de um vídeo. Sendo assim, as mulheres elegeram e discutiram os temas que iriam abordar, criaram coletivamente roteiros, operaram equipamentos de áudio e vídeo, entrevistaram, interpretaram personagens, compuseram paródias, escolheram cenas para edição e discutiram a exibição do seu trabalho. No período da oficina elas produziram dois vídeos, sendo que um aborda a importância dos espaços e atividades voltados para as pessoas idosas e o outro aborda questões de acessibilidade urbana.

A coleta de dados foi realizada entre abril e julho de 2012, por meio de observação participante, registrada em diário de campo, no qual constam anotações referentes a vinte e um encontros. Além das anotações, registramos parte dos encontros em vídeo ou áudio e utilizamos o material filmado pelas participantes no decorrer do período, bem como os depoimentos que elas deram para uma reportagem de televisão sobre a oficina. No procedimento da análise para responder à questão de pesquisa, estamos adotando os passos propostos por Minayo (2004):

- ordenação dos dados - leituras das notas e transcrição das gravações;
- classificação dos dados - leitura repetida dos textos para apreender as ideias centrais e estabelecer as categorias empíricas que deles emergem;
- leitura transversal dos registros - enxugamento da classificação, reagrupamento e reordenação por temas, que chamamos de pré-análise;
- análise final - articulações entre as informações e as referências teóricas adotadas.

Incluímos, antes da análise final, uma análise compartilhada com as participantes do estudo, onde apresentamos e discutimos a pré-análise dos dados, passo que nos ajudou a solicitar esclarecimentos, complementar informações que julgamos incompletas, e aprofundar algumas ideias relevantes para a pesquisa.

Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, conforme parecer n. 062/2012.

Resultados e discussão

Ainda que tenham em comum a participação nas atividades do CRI e a vontade de aprender coisas novas, as participantes apresentam diferentes condições sociais, graus de instrução, histórias de vida e formas de vivenciar o envelhecimento. Podemos dizer que tal

diversidade, encontrada neste pequeno grupo, reflete a diversidade de velhices existentes na população como um todo. Duas das cinco mulheres do grupo tiveram pouco acesso à educação escolar, completando apenas o primário. Todas elas trabalharam dentro e fora de casa, sendo que duas delas começaram a trabalhar fora aos onze anos de idade. Quatro delas estão aposentadas, e uma ainda trabalha dando aulas de dança no próprio CRI e em outros locais. Com exceção desta, as demais participantes são usuárias dos serviços do CRI e estão buscando, neste e em outros espaços, estabelecer e manter relações de amizade e cuidar da saúde, sendo que todas se referem a tais espaços como algo de grande importância para a qualidade de vida. Das cinco mulheres, uma é viúva e quatro vivem com seus maridos. Duas tem familiaridade com a internet, mantêm contas de email e utilizam redes sociais. As demais não utilizam o computador. Foi novidade para todas participar da criação e produção de um vídeo em todas as suas etapas, embora uma delas já tivesse participado no elenco de um curta-metragem.

A condução da oficina de vídeo foi inspirada na educomunicação, e foram consideradas algumas perspectivas que consideramos fundamentais, quais sejam:

- Dialogicidade e horizontalidade - o trabalho coletivo requer o diálogo e a interação para a superação dos desafios colocados, promovendo o exercício da escuta, de si e do outro e o pensar crítico. A opinião de cada indivíduo é importante e todos são responsáveis pelo trabalho comum.
- Criticidade - a leitura crítica da realidade é parte do processo de conscientização, por meio do qual o ser humano se constitui como sujeito histórico.
- Criação coletiva - na criação coletiva todos contribuem colocando um pouco de si na obra, e veem sua parte ser somada, misturada e transformada na interação com as outras partes, de modo que a obra é de todos e todos reconhecem-se nela.
- O processo é a parte mais importante - Uma vez que o objetivo central do trabalho seja a educação das pessoas envolvidas, a interação entre elas, sua liberdade de pensamento e expressão importam mais do que a melhor qualidade técnica do produto final.

O estudo nos mostra que as participantes apresentam diversas motivações para participar da oficina de vídeo, entre elas, a oportunidade de socialização e a possibilidade de novos aprendizados. Na análise dos dados, pudemos identificar as seguintes categorias

temáticas: *Fatores que geram contentamento; Interação no trabalho coletivo; Estar envelhecendo.*

Fatores que geram contentamento

Os dados indicam que estar na oficina representava para elas, na maior parte tempo, viver momentos agradáveis. Identificamos diversos fatores geradores deste contentamento, sendo que um deles aparece com maior frequência nas falas das participantes: o “aprendizado novo”, que incorpora a oportunidade de vivenciar situações e desafios novos, e ocupar novos espaços.

Eu acho assim: a gente aprende muito com isso. (Zuleika)

Nunca lidei com esses equipamentos, eu pensei que fosse um bicho de 7 cabeças, mas graças à Marta eu consegui. Tou indo bem e cada vez quero aprender mais. (Cida)

É uma coisa assim inteligente. Uma coisa boa. Abre as cabeças da gente, diferente. (Malú)

É um novo aprendizado [...] e diferente daquilo que a gente já vinha na nossa rotina, na nossa vida. É diferente do meu trabalho, a gente conhece muito mais de cada uma, a gente tem que falar, ver cada uma atuar. É muito diferente, você tá entendendo? (Nilva H)

Entendemos que este aprendizado novo provém da experiência específica do fazer audiovisual, ou seja, da elaboração de roteiro, da narrativa audiovisual, da atuação para a câmera, da captação de imagem e som, edição, trilha musical, assim como da criação coletiva. A criação coletiva requer aprender a trabalhar em grupo, com a discussão aprofundada dos temas. “E onde há invenção, há alegria” (LOPES LIMA, 2009, p.92). O contentamento também está relacionado ao viver situações novas e a ocupar novos espaços.

Nilva H defendeu que terminassem o vídeo das calçadas³ pra inscrever na mostra⁴. Defendeu com convicção que esse vídeo é super importante, é uma contribuição importante que elas estão dando. (diário de campo)

³ O segundo vídeo feito pelo grupo chama-se “Calçada para todos?” tem duração de 10 minutos e trata das condições ruins das calçadas da cidade e as ações para melhorar esta situação e garantir o direito de uso da cidade para todos. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/EducomSC/featured>

⁴ Refere-se à 3ª Mostra de Vídeo Popular, organizada pelo Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e Educação Popular (GECEPop), e pelo Departamento de Artes e Comunicação em parceria com a Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar. A mostra visa fortalecer as expressões de grupos populares e, movimentos sociais e diversas comunidades que utilizam o vídeo.

As participantes experimentaram sair do espaço de espectadoras para o espaço de autoras, ocupar o espaço de quem indaga, com um microfone na mão, o cidadão comum e o encarregado da prefeitura; experimentaram publicar um vídeo na internet e saber que o mesmo pode ser visto por pessoas de todos os lugares do mundo; e protagonizaram uma reportagem da Rede Globo, que para elas teve um significado muito grande, definido por Malú da seguinte forma:

Ser gente, alguém na vida! (Malú)

O contentamento neste aspecto está diretamente relacionado ao aumento de auto-estima:

Estamos nos sentindo tão importantes fazendo filmagem! A Cida operando a máquina, a outra segurando o microfone... tá tudo muito legal, viu gente? Me sinto realizada! (Nilva F)

Este fato remete a outro fator que identificamos, o de reconhecer suas capacidades e vê-las reconhecidas. Esta afirmação da própria capacidade é importante para o fortalecimento do indivíduo, sobretudo em resposta às situações que vem negar o seu direito de ser mais. Uma participante disse entre outras coisas, o projeto “faz bem pra o ego das mulheres”. Esclarecendo:

O ego é quando levanta a pessoa, deixa a gente mais assim poderosa, que pode fazer as coisas, sou capaz, sou capaz de fazer, né? (Nilva F)

Assistindo o material filmado pelo grupo e, questionada sobre o que achou, Malú respondeu que estava bom, que mesmo elas não tendo estudo como nós da universidade, conseguiram fazer uma coisa bem feita.

Tá vendo que a gente também sabe fazer as coisas? A gente sabe pilotar muito mais do que fogão. (Nilva F)

A fala acima, que ocorreu após a primeira experiência da participante no manuseio dos equipamentos, está relacionada às ideias discriminatórias de que são vítimas as mulheres. As participantes relataram que as mulheres ainda escutam no trânsito a ofensa “vai pilotar fogão”, e que as pessoas idosas sofrem discriminação, com a ideia equivocada

que de perdem a capacidade de aprender na medida em que envelhecem. Neste sentido, podemos relacionar o contentamento à percepção da possibilidade de enfrentar os preconceitos sofridos. Quando o oprimido olhar criticamente para a situação-limite e move-se no sentido do seu enfrentamento, deu início à transformação (FREIRE, 2005). Nilva H, que é professora de pessoas idosas, diz na avaliação do trabalho:

Porque não é aquela coisa que todo mundo acha, que idoso não serve pra nada, [...] É uma concepção toda nova, diferente, lidando com tecnologias que ninguém acreditava que o idoso ia chegar a fazer isso. (Nilva H)

O trabalho do grupo é compreendido por elas, portanto, como uma forma de desmistificar a suposta dificuldade que as pessoas idosas teriam com os eletrônicos. As participantes reconhecem que seus filhos e netos aprendem muito mais rapidamente do que elas, mas lembram que os netos principalmente, nasceram submersos no mundo digital, e consideram que podem, no seu ritmo, aprender também. Desta forma, apropriando-se do uso das tecnologias, elas poderiam mostrar para aqueles que as discriminam, o equívoco que fundamenta a discriminação.

O processo de criar e reconhecer-se na obra criada foi identificado como gerador de satisfação para as participantes. Era perceptível seu entusiasmo na criação das falas das personagens, no ensaio, e especialmente na composição das paródias.⁵ Nilva F e Zuleika criaram paródias pela primeira vez e apresentaram para o grupo com orgulho. Os momentos de criação foram muito estimulantes e descontraídos. De modo geral, as participantes assistiam o material filmado por elas com muita satisfação. O trabalho era fruto da dedicação de todas, como mostra a fala a seguir:

É como eu já falei aqui, [...] cada uma dá uma ideia, todo mundo junto, e então sai aquela coisa maravilhosa. Cada um com a sua ideia. Aí você tem a sua, mas aí outra fala, melhor do que a da gente, e... (faz sinal com as mãos, de juntar). (Zuleika)
Interação no trabalho coletivo

⁵ A criação e apresentação de paródias é uma atividade que Nilva H coordenava junto às suas alunas e da qual já haviam participado Malú e Zuleika. O grupo Parodiando estava desativado há cinco meses, mas a intenção de inserir paródias no segundo vídeo da oficina, o “Calçada para todos?” reativou o grupo, resgatando antigas participantes. Elas criaram quatro paródias sobre o tema das calçadas, duas delas entraram no filme, e após o filme pronto, o grupo continua se encontrando semanalmente no CRI.

A proposta de criar coletivamente instaura o desafio, para todas as envolvidas, de buscar a todo tempo o equilíbrio no uso da fala, conhecer e harmonizar os espaços individuais com o espaço comum e respeitar o tempo de cada uma no coletivo. Identificamos no grupo, por um lado, a dificuldade de algumas pessoas em se colocarem, declinando do uso da fala. Identificamos na coleta de dados alguns momentos em que as participante pediam que Nilva H se manifestasse, que falasse por elas⁶.

Mas sabe o que q acontece, Nilva? Você tem a cabeça mais aberta. Tem a expressão diferente. (Malú)

Por outro lado vimos o fortalecimento na comunicação de Cida, que havia anunciado no primeiro dia da oficina que não sabia falar, e se mostrava muito fechada, soltar-se durante a oficina e começar a colocar suas opiniões, defender suas propostas e falar de si. Ela atribui esta mudança ao fato de ir sentindo-se à vontade com o grupo, na medida em que foi ocorrendo a “convivência com as amigas”. Segundo Lopes Lima, a prática da educomunicação torna possível a solidariedade, que significa o fortalecimento de cada indivíduo e do grupo como um todo (LOPES LIMA, 2009).

Observamos no grupo, de modo geral, uma postura de paciência e busca de conciliação em diversas situações de discordância de opiniões e atitudes, tais como o compromisso nos encontros.

Resgatei a conversa sobre a co-gestão, [...]Malú, incomodada com a ausência das colegas, falou que elas precisavam ser mais responsáveis. Perguntou como a gente poderia planejar o vídeo das calçadas sem a presença de todas. (diário de campo)

Administrando esta situação, Malú, que nunca falta nem chega atrasada, não cria caso com as colegas. Ela limitou-se a perguntar uma vez para uma colega se não conseguiria tomar o ônibus mais cedo.

O sentimento de coletividade que se instalou no grupo ficou perceptível algumas vezes no cotidiano do trabalho, no tratamento entre as participantes. Uma passagem que o exemplifica ocorreu na gravação de depoimento para reportagem que a TV Brasil fez sobre o projeto, em que as participantes fizeram questão de que todas aparecessem:

⁶ Nilva H é professora das demais participantes em outras atividades do CRI.

Elas foram se revezando nas funções de filmar, microfonar, fazer as perguntas e responder. [...] Quando Nilva F disse não queria responder, que já estava filmando, as outras protestaram e Malú perguntou “como eles vão saber que a senhora participou?” (diário de campo)

A oficina, sendo oportunidade de convívio, representou um espaço a mais para que as mulheres pudessem divertir-se. As participantes riam de si mesmas, das colegas e das situações inusitadas que vivenciavam. Os gracejos no grupo eram muito frequentes, e faziam dos encontros, momentos alegres e divertidos. Após uma manhã inteira de pé fazendo filmagens, Zuleika resumiu:

A gente mais se diverte do que filma! (Zuleika)

Cabe dizer que este clima de gracejos impera no espaço do CRI a maior parte do tempo, fortemente estimulado pelos professores que nele atuam, portanto é possível que esta atitude estivesse em nossa oficina por já ser uma forma comum para elas de vivenciar o envelhecimento.

Estar envelhecendo

As participantes escolheram quais temas seriam tratados nos vídeos que fariam, partindo do critério “algo que vocês considerem importante dizer”. No primeiro vídeo que fizeram, decidiram mostrar as melhoras que experimentaram em suas vidas quando passaram a participar de atividades voltadas à terceira idade, fazer, por meio do vídeo, um convite às pessoas idosas para que procurem tais atividades a fim de obter os mesmos benefícios que elas obtiveram. Segundo as mulheres, o aumento de bem estar ocorre porque estão se arrumando para sair de casa, movimentando o corpo, encontrando pessoas, fazendo novas amizades e divertindo-se. As pessoas que começam a participar destes espaços recodificam o envelhecimento e passam a elaborar novos sentidos para suas vidas (DEBERT, 1999). Segundo Nilva H, algumas mulheres começam a elaborar novos projetos para os anos futuros. Entendemos este vídeo como uma afirmação de que estar envelhecendo pode ser uma experiência agradável, desde que a pessoa idosa se abra para isso e aceite sua nova condição, a de estar envelhecendo⁷.

⁷ O filme “Alô galera, vamos lá!” tem duração de 3 minutos e mostra uma senhora que vivia com dores dentro de casa e não acreditava na aula de ginástica. Após o convite e os argumentos de uma amiga e uma conhecida, e com a observação de que as mesmas estavam visivelmente bem de saúde e de humor, ela decide experimentar. Tempos depois ela dá o testemunho de que não quer mais parar de participar, pois

O referencial teórico utilizado na pesquisa sublinha a importância de considerar a heterogeneidade do grupo social que estamos chamando “pessoas idosas”, no qual se entra oficialmente quando se atinge os sessenta anos de idade. O agrupamento de todas as pessoas com mais de sessenta anos em um só grupo é uma convenção questionável e insuficiente que dificulta analisar em profundidade as questões do envelhecimento. As diferentes condições familiares, econômicas, sociais e culturais na qual a pessoa se formou e na qual vive atualmente sua velhice, influenciam diretamente na sua experiência de envelhecimento (DEBERT, 1999; LOPES, 2006; WHITAKER, 2007)

Entendemos, a partir de nossa pesquisa, que uma das características marcantes do estar envelhecendo é o desafio (e oportunidade) de reconfigurar a própria vida diante da liberação de compromissos que não existem mais, tais como o emprego ou o cuidado com os filhos (e maridos e netos em alguns casos). Segundo as participantes do estudo, significa também a necessidade de redefinir relações com o corpo, que apresenta desgastes naturais pelo tempo vivido e sofre com a perda de agilidade e força física. O desgaste do corpo com problemas de saúde, bem como a finitude da vida que o anima eram temas frequentes nas conversas no CRI e em nossa oficina.

Cida faltou pela segunda vez para ir a um velório (diário de campo)
Na hora do cafezinho, conversei com a C. um pouco, ela me contou o sofrimento q vem passando. Operou o intestino, está com uma bolsa e precisa operar de novo. Disse q ficou mais de 20 dias internada, esteve na UTI e Deus deixou ela viver de novo. Disse que as filhas estão pedindo para ela vender o sítio que ela tem no Broa pra dividir entre elas⁸ (diário de campo)

No entanto, o tema do corpo era abordado frequentemente em tom de gracejo. As participantes divertiam-se com o ato de encaixar os plugues dos equipamentos, remetendo-o ao coito, gracejavam com o formato fálico do microfone direcional, faziam comentários divertidos sobre os seios fartos que Malú gosta de exibir, sobre prisão de ventre, sobre as mudanças que ocorrem com o corpo no processo de envelhecimento que estão vivendo. O corpo é o lugar de materialização das ações do tempo, que evidencia o envelhecer.

está se sentindo muito bem e as dores nas costas terminaram. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/EducomSC/featured>

⁸ C. é uma mulher que começou a participar da oficina, mas por problemas de saúde, não teve condições de continuar.

Tratando o corpo e suas transformações com humor e intimidade, as mulheres apresentam uma forma sadia de conviver com estas transformações, driblando os conteúdos negativos das ideias de velhice e afirmando sua feminilidade diante do estereótipo dominante em nossa cultura, que associa a velhice à assexualidade. De acordo com tal estereótipo, a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser mulher para ser apenas velha (MOTTA, 1998).

Neste sentido a convivência traz a possibilidade de análise e superação das dificuldades que tais mudanças podem trazer. Nela as pessoas idosas se ajudam, trocam informações e afetos, ensinam e aprendem a enfrentar as mudanças específicas do envelhecer.

Algumas considerações

O desenvolvimento da pesquisa contribuiu para que aprendêssemos um pouco, no convívio com as mulheres idosas, sobre o estar envelhecendo e a grande trama de aspectos envolvida neste processo. Permitiu fazer reflexões, juntamente com as mulheres idosas, sobre as relações do estar envelhecendo com a educomunicação, relações estas ainda pouco estudadas pela academia. Os resultados apontam que algumas ideias negativas relacionadas à velhice, tais como a falta de capacidade e de interesse em novos aprendizados, especialmente referente às tecnologias eletrônicas, não correspondem efetivamente à realidade vivida pelas mulheres idosas do grupo pesquisado. As participantes do grupo sentem-se motivadas a contribuir para o enfraquecimento de tais estereótipos equivocados.

É possível dizer, também a partir do estudo, que as participantes vivenciaram, na prática da educomunicação, processos educativos que lhes trouxe contentamento e aumento de auto-estima, fortalecendo-as individual e coletivamente para sua vida cotidiana e para o exercício de seus direitos. Ao reconhecer sua capacidade para criar e produzir vídeos, que é uma atividade diferente àquelas que estão acostumadas a fazer, e ao experimentar ocupar novos espaços, as participantes puderam reforçar sua compreensão de que na velhice é possível realizar atividades novas e dar início a novos projetos, pois se trata uma de fase da vida em que continuamos aprendendo e ensinando em comunhão.

Referências

- DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.
- FIORI, E. M. **Textos Escolhidos**: v.II: Educação e Política. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- FREIRE, P. *Comunicação ou extensão?* 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- LOPES, R.G.C. Diversidades na velhice: reflexões. In: Vários Colaboradores. **Velhices, reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC PUC, 2006.
- LOPES LIMA, G. **Educação pelos meios de comunicação ou produção coletiva comunicação, na perspectiva da educomunicação**. São Paulo: Instituto GENS de Educação e Cultura, 2009.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MOTTA, F. de M. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- OLIVEIRA, M. W.; GONÇALVES E SILVA, P. B.; GONÇALVES-JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. Caxambu, GT6, ANPED, 2009.
- RIBEIRO-JUNIOR, D. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, UFSCar, 2009.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- TOLEDO, M. **Educação Audiovisual Popular no Brasil – Panorama 1990-2009**. 2010. 361f. 2v. Tese (Doutorado em Práticas de Cultura Audiovisual). Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOARES, I. O. **Alfabetização e Educomunicação - O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida**. (s/d) Artigo publicado no site <http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos/> (consulta em março/2011)
- WHITAKER, D. C. A. **Envelhecimento e Poder**. Campinas: Alínea Editora 2007.